



E agora, Vladimir? ▶ Um dos mais importantes e criativos documentaristas brasileiros, aos 75 anos Vladimir Carvalho trabalha com a alegria de um menino. Enquanto ainda saboreia os eflúvios de um ensaio documental sobre um dos ídolos da sua infância, *O engenho de Zé Lins*, lança-se já a outro projeto longamente acalentado: resgatar a força juvenil, artística e política do *rock* brasileiro dos anos 80 e 90. Ele fez um balanço do seu momento para a *Filme Cultura* e comentou seus cinco filmes-faróis.

O efeito Zé Lins

“O filme levou-me de volta no tempo, um tempo impregnado de lembranças familiares a que me vejo hoje compulsivamente acoplado, numa idade em que o passado é matéria irredatável. Dos meus mitos da infância, o de Zé Lins foi o mais forte e perseguiu-me durante meio século, desde o dia em que pensei nele como ‘meu’ personagem. Pronto em 2007, *O engenho de Zé Lins* me trouxe imensas alegrias por vê-lo aceito e sentido pelo público e pela crítica. Mas o êxito jamais foi completo: sujeito aos limites de parca produção, vi-me escravo de umas poucas cópias, que suprimam, no período, quase tão somente as escassas oportunidades nas praças do Rio e São Paulo, óbvias prioridades de um lançamento de irrisórios recursos. O efêmero prestígio do filme acenou-me ilusoriamente com outras aberturas – especialmente no que se refere a melhores condições materiais para continuar trabalhando. Mas logo a boa onda passou e eu voltei ao ramerrão de sempre, a tirar água de pedra.”

Coletando rock

“Filmei o *rock* brasileiro pela primeira vez nos anos de 1987 e 1988. Embora tivesse curiosidade pelo assunto, ele não constituía uma prioridade para mim naquele momento. Entretanto, era impossível ignorá-lo, uma vez que havia cerca de duzentas bandas na cidade, uma presença por vezes ensurdecadora. Resolvi ir à luta junto com os fotógrafos David Pennington e Waldir de Pina, e filmei o que foi possível. O tempo passou e só recentemente, decorridos 23 anos de hibernação dessas imagens e sons, é que voltei a retomá-las. Como trabalho sempre em condições atípicas de produção, acontece de um filme levar séculos para ser concluído, dando quase sempre a impressão de que a demora faz parte de um ‘método’, uma intencional postura em que o tempo memorial jogaria importante papel.

Vladimir Carvalho

Na verdade, essas circunstâncias, no caso de *Rock Brasília*, como estamos chamando o filme, terminaram por me oferecer um conhecimento e uma perspectiva quanto ao tema que eu não possuía na fase de surgimento do movimento musical que terminaria por ganhar a notoriedade de que desfruta hoje. E foi surpreendente descobrir uma estreita relação com o gênero em minha própria lavra, quer dizer, tem *rock* em *O país de São Saruê*, em imagens e sons que colhi ainda em 1966, tem *rock* feito exclusivamente para o filme em *Conterrâneos velhos de guerra*, e o *rock* passa também por *Barra 68*, animando festinhas dos renitentes grevistas da UnB em luta contra a repressão militar.”

Dimensão política do rock

“Eu encaro *Rock Brasília* como parte de um trabalho que aos poucos foi se ‘sistematizando’, tendo como foco essencial a existência de Brasília desde o projeto político de sua construção e desenvolvimento, como resultado da linha geral da marcha brasileira para o oeste, com todas as vicissitudes e acertos, partindo do mito JK à tumultuada crônica de hoje, marcada indelevelmente pelo escândalo político. A dimensão política, se não é propriamente um pano de fundo da narrativa, é – pelo menos na fase inicial, quando as bandas viviam o processo de formação – uma presença obrigatória, especialmente se levamos em conta que muito dessa história se passa nos anos 1980, durante a transição da pesada atmosfera da ditadura militar para o estado de direito e a redemocratização. E aí basta uma vista de olhos e a escuta do repertório da chamada ‘turma’, sobretudo nas letras de Renato Russo, para sentir as vinculações.



No entanto, o filme vem sendo trabalhado no sentido de impostar os momentos mais tocantes de uma aventura de jovens às voltas com os apelos da vida, justamente quando vivenciavam a humana experiência de encontrarem para ela um sentido e se tornarem adultos. E aí gente, música e política juntam-se num só e emocionante espectro.”

Novas tecnologias

“A vida do documentarista foi bastante facilitada com o advento das tecnologias hoje disponíveis. Com o HD podemos obter excelentes resultados na captação da imagem e do som, driblando, até certo ponto, os custos com película e o processo químico dos laboratórios. Há muito venci uns restos de nostalgia do que gosto de chamar ‘os tempos da moviola’, sendo um dos primeiros a buscar os benefícios do *transfer* e da edição computadorizada. Mas estendo a mão à palmatória a Fernando Meirelles, jovem e vitorioso mestre, quando fez há pouco tempo judiciosas considerações sobre o hábito daninho de se rodar desbragadamente, sem método nem rigor, por conta das facilidades à mão do que se está chamando de nova escola. Ele acerta em cheio ao propor uma volta aos procedimentos baseados na economia de meios do ‘velho’ cinema.”

A febre documental

“Ainda não tenho certeza se a euforia e a sede com que muitos se atiram à atividade audiovisual, por via do documentário, são uma garantia da permanência desse tipo de filme. Alegro-me os acertos e contribuição desse noviciado, mas prefiro encarar a onda atual como consequência de uma tradição arduamente construída e que ainda enfrenta sérios problemas de distribuição e exibição. A meu ver os filmes já eram muito bons há mais de 40 anos, só que em muito menor escala de produção e sem o proverbial impulso das novas tecnologias. Talvez essas é que tenham nos plugado mais diretamente na chamada realidade, de resto tão difusa e esquivada para se deixar apanhar.”

Os “faróis” de Vladimir Carvalho

O homem de Aran, de Robert Flaherty. Onde vislumbrei pela primeira vez (só depois conheci *Nanook*) um cinema ligado de forma direta nas relações do homem com a natureza, dispensando os dispositivos clássicos como a *story*, atores profissionais e cenários artificiais. Foi uma completa e perturbadora revelação.

Hiroshima, meu amor. Alain Resnais falou à consciência moral da época, mobilizando a sensibilidade estética para uma forma nova e transgressora ao transitar no espaço-tempo do cinema e da memória. Antes de ver o filme, me encantava ouvindo Caetano Veloso, colega de turma na faculdade, “recitar” de cor os diálogos de Marguerite Duras. Inesquecível.

Rocco e seus irmãos. Mestre absoluto, Luchino Visconti universalizou a tragédia do migrante. Este filme é a súplica maior de todo o neorealismo italiano, quando este já se finara como o mais sensível testemunho do pós-guerra na Europa. Gênio entre os gênios.

Cabra marcado para morrer, de Eduardo Coutinho. O filme que melhor falou da realidade brasileira revelada no período que antecedeu o golpe militar e se estendeu até a redemocratização do país. Move-se junto com a História, que é sua matéria-prima, e formará para sempre uma tríade com *Vidas secas* e *Terra em transe* como os filmes emblemáticos do Brasil do século 20.

Borinage, de Joris Ivens e Henri Storck. Pequena obra-prima de um cineasta engajado (Ivens) nos temas da angústia social e da condição humana. Especialmente nos momentos em que o destino dos povos estava em jogo, como no caso das guerras, revoluções e calamidades. Ali sempre se encontrava Joris Ivens com sua câmera militante.

Da esq. p/ a dir. *O homem de Aran*, *Hiroshima meu amor* e *Rocco e seus irmãos*

